

MAGSUL



FACULDADES MAGSUL

KATIUSCA PINTO DE ARRUDA

**A HISTÓRIA DE MATO GROSSO DO SUL: SOB O OLHAR DAS
OBRAS DO ARTISTA HUMBERTO ESPÍNDOLA**

PONTA PORÃ
2012

KATIUSCA PINTO DE ARRUDA

**A HISTÓRIA DE MATO GROSSO DO SUL: SOB O OLHAR DAS
OBRAS DO ARTISTA HUMBERTO ESPÍNDOLA**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado às Faculdades Magsul, como
parte dos requisitos para obtenção do
título de Licenciatura em Artes Visuais.

Orientadora: Professora Doutora Maria de
Fátima Viegas Josgrilbert.

PONTA PORÃ
2012

KATIUSCA PINTO DE ARRUDA

**A HISTÓRIA DE MATO GROSSO DO SUL: SOB O OLHAR DA
OBRA DE HUMBERTO ESPINDOLA**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado às Faculdades Magsul, como
parte dos requisitos para obtenção do
título de Licenciatura em Artes Visuais.

Data de aprovação: 06/07/2012

Local: Faculdades Magsul

Banca Examinadora:

Orientador(a): Professora Doutora Maria de Fátima Viegas Josgrilbert
Faculdades Magsul

Membro: Mestra Mirta Mabel Escovar Torraca
Faculdades Magsul

Membro: Especialista Genivaldo Antônio Alves
Faculdades Magsul

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a Deus meu pai eterno que me formou, criou e me fez existir para excelência de tua Glória. Para que teu nome seja glorificado através da minha vida. A ti, oh Deus, seja toda honra e glória para todo sempre. Amém!

AGRADECIMENTOS

“Tudo tem o seu tempo determinado, e há tempo para todo o propósito debaixo do céu” (Eclesiastes 3:1). Deus como Pai quis hoje cumprir seus desígnios na minha vida espiritual e material, desde o ventre da minha mãe, o meu nascimento, a minha juventude e as fases vindouras, em tudo sei que há um propósito. Encontro-me em fase de conclusão do curso de Artes Visuais, tudo isso produziu em mim um grande alívio e o sabor de conquistas tanto na vida acadêmica quanto na profissional. Percebo que minha visão não será mais a mesma, pude dar o melhor de mim, o desafio foi grande, mas levou-me a galgar novos degraus de aprendizagens e descobertas, a soma de todo o esforço, busca, dedicação se materializou, criou vida, nasceu!

Sei que minha monografia abrirá portas para novos trabalhos e conquistas a serem realizadas no campo profissional e de novas pesquisas acadêmicas. Quero agradecer a todos aqueles que contribuíram de forma significativa na elaboração deste trabalho.

Em primeiro lugar agradeço a Deus pelo conhecimento e sabedoria para desenvolver este trabalho. Pelas lutas e dificuldades que passei para finalizar. As orações para obter a vitória por completa na minha monografia. Para o meu Papai do céu me abençoar. Ali onde não havia mais esperança Deus abriu a porta para esse ato acontecer.

A minha avô, Marilene Antunes Dias Pinto e a Pastora Dircinei Anastácio Moreira pelas orações, palavras de bênçãos liberadas para eu prosseguir, trilhar o propósito de Deus na minha vida.

Aos meus pais, Manoel Benedito de Arruda e Alice Aparecida pinto de Arruda, pelas palavras de incentivo, ânimo para não haver desistência do trabalho e apresentação. Acompanharam-me neste trabalho estando ali comigo nos momentos que mais precisei. Conheceram as minhas falhas, limites e erros estampados, que produziram frutos de perseverança, esperança, amor, paciência e garantia do resultado obtido.

A Professora Doutora Maria de Fátima Viegas Josgrilbert, por acreditar em mim, no meu trabalho; sou grata por não desistir de mim; por me orientar e pelo privilégio de adquirir conhecimento de como se faz uma monografia. Cada erro que

obtive, foi um passo importante para produzir amadurecimento, melhorar em vários aspectos.

A prof^a. Mirta Torraca por me acompanhar desde o começo nesta jornada, me incentivando a não desistir, independente das circunstâncias, por estar comigo até o final deste ciclo que agora termina.

A minha célula de jovens que acompanhou os meus anseios nesse projeto e contribuíram para finalização desse sonho através de suas orações. Obrigada Deus por tudo! Todas as coisas cooperam para o bem daqueles que te amam!

Finalmente, a Humberto Espíndola pelo legado cultural deixado, que engrandece ao povo de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. A ele, peço licença para oferecer uma de suas rosas, “Rosa-boi”, 1999, a todos que de alguma forma me auxiliaram nesta caminhada de estudo e pesquisa.



Figura 1: “Rosa boi, 1999”.

Obrigada!

EPÍGRAFE

Os sonhos são como vento, você os sente, mas não sabe de onde eles vieram e nem para onde vão. Eles inspiram o poeta, animam o escritor, arrebatam o estudante, abrem a inteligência do cientista, dão ousadia ao líder. Eles nascem como flores nos terrenos da inteligência e crescem nos vales secretos da mente humana, um lugar que poucos exploram e compreendem.



Figura 2: "Série Divisão dos Estados, 1981".

ARRUDA, Kátiusca Pinto de. **A História de Mato Grosso do Sul: sob o olhar das obras do artista Humberto Espíndola.** Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Curso de Artes Visuais, Faculdades Magsul, Ponta Porã, 2012.

RESUMO

Existem várias maneiras de se apresentar à história de um povo, de uma cultura, de um país. Esta pesquisa pretende demonstrar que é possível contar a história de Mato Grosso do Sul através da obra de Humberto Espíndola, artista plástico sul-mato-grossense que criou uma série de quadros que contribui para o acervo histórico da arte brasileira. Mato Grosso do Sul é um estado novo, portanto ainda poucos contaram sua história e, ao observar a obra deste artista e os caminhos por ele percorridos, ficou claro como a arte contribui para o conhecimento histórico. Músicos, poetas, pintores, historiadores e o povo em geral contam a história através de diferentes formas de expressão, buscando a construção da identidade e do reconhecimento. Este trabalho buscou conhecer a história do MS, após a sua separação de Mato Grosso, ressaltando os aspectos políticos, econômicos e culturais. Para tanto, foi preciso estudar a história do estado, os acontecimentos que geraram a separação de MT, os movimentos separatistas e a Ditadura Militar. Fatos que o artista vivenciou e retratou em suas obras. Assim, as gerações futuras conhecerão essa história através de obras de artista da terra.

Palavras-chave: História, arte, Humberto Espíndola.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Rosa Boi, 1999	05
Figura 2 - Divisão dos Estados, 1981	06
Figura 3 - Divisão dos Estados, 1981	11
Figura 4 - Herança de Campeão, 1980	11
Figura 5 – O Sopro, 1978	13
Figura 6 – Humberto Espíndola.....	14
Figura 7 – Boi alado nas asas do dinheiro, 1967.....	20
Figura 8 - Boi Brasão, 1968.....	20
Figura 9 - Harry Amorim	26
Figura 10 – Pedro Predossian	26
Figura 11 – Wilson Martins Barbosa.....	26
Figura 12 – Marcelo Miranda Soares	26
Figura 13 – José Orício Miranda dos Santos.....	27
Figura 14 – André Puccinelli.....	28
Figura 15 - Bandeira MS	28
Figura 16 – Queixadas, 1980	28
Figura 17 – Madona – Vaca Sagrada, 1983.....	30
Figura 18 – Rodeios, 1997	30
Figura 19 - 1. <i>O passeio do General</i> , 1978 - óleo sobre tela, 130x170cm.....	35
Figura 20 – Mapa de Mato Grosso Uno.....	36
Figura 21 - 2. <i>Pecus e Pecúnia discutem a Divisão</i> , 1978 - óleo sobre tela, 120x180cm.....	37
Figura 22 - 3. <i>O Sopro</i> , 1978 - óleo sobre tela, 130x170cm.....	39
Figura 23 - 4. <i>Cidades rivais</i> , 1978 - óleo sobre tela, 130x170cm.....	40
Figura 24 - 5. <i>Nascimento de MS</i> , 1979 - óleo sobre tela 144x124cm.....	42
Figura 25 - 6. <i>Eterna saudade</i> , 1978 - óleo sobre tela, 130x170cm.....	44
Figura 26 - 7. <i>O Arcebispo</i> , 1979 - óleo sobre tela, 150x100cm.....	45
Figura 27 - Dom Aquino Correa.....	46

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
I - A HISTÓRIA DE MATO GROSSO DO SUL E A OBRA HUMBERTO DE ESPÍNDOLA	13
1.1. Um olhar sobre a arte de Humberto Espíndola.	14
1.2. Um pouco da infância do artista.	15
1.3. Um pouco da vida adulta.	17
II - A LUTA PELA DIVISÃO E A CRIAÇÃO DE UM ESTADO	22
2.1. Antecedentes a criação de Mato Grosso do Sul.	22
2.2. A criação do estado de Mato Grosso do Sul.....	24
2.3. A evolução de Mato Grosso do Sul.	25
2.4. Mato Grosso do Sul de hoje.....	28
2.4.1 Agricultura de MS.	29
2.4.2 A bovinocultura.....	30
III - HUMBERTO ESPÍNDOLA E A HISTÓRIA DE MATO GROSSO DO SUL: UM ENCONTRO	32
3.1. Metodologia da Pesquisa.	33
3.2. Obras que contam a história.....	34
3.2.1 - 1ª Obra: O Passeio do General	35
3.2.2 - 2ª Obra: Pecus e Pecúnia discutem a divisão	37
3.2.3 - 3ª obra: O Sopro	39
3.2.4 - 4ª obra: Cidades Rivals	40
3.2.5 - 5ª obra: Nascimento de Mato Grosso do Sul	42
3.2.6 - 6ª obra: Eterna saudade	44
3.2.7 - 7ª obra: O arcebispo	45
3.3. O que foi visto nas obras analisadas?.....	48
CONSIDERAÇÕES FINAIS	50
REFERÊNCIAS	52

INTRODUÇÃO

Por não sermos eternos, não estaremos aqui para contar nem aos netos de nossos netos **quem era quem**; só a eternidade da palavra escrita gravará para sempre, na memória de todos, **quem somos, de onde viemos**.

Miriam Leite Gallucci

Este trabalho tem como objetivo responder uma pergunta condutora que será desvendada no decorrer dos capítulos desta pesquisa: “É possível contar a História de Mato Grosso do Sul a partir da obra de Humberto Espíndola”? Considerando neste trabalho a fase “Divisão de Mato Grosso”. Para responder a este questionamento, esta monografia foi dividida em três capítulos, organizados da seguinte forma:

No primeiro capítulo, traçou-se como objetivo retratar a história de Mato Grosso do Sul e a obra de Humberto Espíndola que conta a vida do artista, sua trajetória de autoafirmação e a preocupação com as artes sul-mato-grossenses. Este artista, nascido em Campo Grande, veio, ao longo da história, a ser consagrado nacionalmente e internacionalmente. Seu trabalho divulga, mostra e ocupa espaço na arte juntamente com os artistas do interior, antes e após a divisão do estado.

O segundo capítulo traz a memória, o retorno à história, a luta da divisão e a criação de um estado, ocorrida com a assinatura pelo presidente militar, daquela época General Ernesto Geisel. Os movimentos separatistas fizeram com que esse ato acontecesse, não desistindo dos seus ideais, mas lutando para que o sul de Mato Grosso viesse a ser chamado de Mato Grosso do Sul e a capital Campo Grande. Lutas que deixaram marcas para que hoje Mato Grosso do Sul não seja conhecido somente pela sua economia, baseada na pecuária e na agricultura, mas também pela cultura e pela arte que começou com a primeira exposição de 31 de outubro a 4 de novembro de 1966, realizado pela animadora de artes Aline Figueiredo, na qual Humberto Espíndola e artistas mato-grossenses mostraram sua arte através da pintura. Este acontecimento foi marcado por uma crítica feita pelo professor Pietro Maria Bardi que dizia: “Mato Grosso tem uns gatos pingados, que mechem com os pincéis”.

Diante das circunstâncias que os cercavam, Humberto Espíndola mostrou

outra face respondendo a essa crítica fazendo exposições com outros artistas do estado mostrando que arte do interior existe e que isto não acontece só nas grandes metrópoles.

No terceiro capítulo, analisa-se, sobre a ótica do levantamento de Maria Adélia Menegazzo, Alisolete Antônia Santos Weingartner, Hildebrando Campestrini, Acyr Vaz Guimarães, Lori Alice Gressler, parte da série de Espíndola: “A Divisão de Mato Grosso”. O capítulo narra o encontro de Humberto



do Sul (ao lado uma obra da série, A Divisão dos Estados datada de 1981).

De fato, as obras desse artista registram a divisão do estado marcando este encontro.

Como a história narrada pelos livros, a arte retratada na obra de Humberto Espíndola, no contexto da série “Divisão dos Estados”, torna-se uma ligação fantástica que nos leva a ver que é possível retratar o contexto político, social e econômico através dos pincéis, tendo a percepção do quanto os dois estão entrelaçados.

Arte e história, quanto uma precisa da outra: para contar e recontar a realidade; para demonstrar o que acontece; e para fincar as raízes culturais para que futuras gerações, e as que vivem hoje possam conhecê-las, contemplá-las, aprofundando o conhecimento do ambiente vivido no contexto.

Ao escrever esta introdução apresenta-se uma fonte de inspiração para o leitor e para professores prosseguirem os estudos e análises sobre as artes sul mato-grossenses e a história do Estado de Mato Grosso do Sul. Um conhecimento atraente, novo, que ainda é conhecido por poucos. É importante que outras pessoas venham a ter um olhar mais profundo sobre a arte, não



Figura 4: “Herança de Campeão, 1980”.

sendo apenas motivo de apreciação, mas de conhecimento (ao lado obra “Herança de Campeão” (1980)).

Que o mergulhar no universo das artes e da história consiga atrair, provocar, motivar e impacte os estudantes os leitores para que possa haver a compreensão de que só conhecendo o passado, é possível compreender melhor a nossa própria existência. Refletindo-se sobre o hoje é que se poderá planejar melhor o futuro.

O que fica registrado na arte e na história não se apaga, são as marcas da cultura regional sob a ótica de cada artista, que pode compor e deixar seu legado na terra.

Assim fez, e continua fazendo Humberto Espíndola, que nos deixou esse presente!

I - A HISTÓRIA DE MATO GROSSO DO SUL E A OBRA HUMBERTO DE ESPÍNDOLA.

“Sem sonhos, as perdas se tornam insuportáveis a, as pedras do caminho se tornam montanhas, os fracassos se transformam em golpes fatais. Mas, se você tiver grandes sonhos... Seus erros produzirão crescimento, seus desafios produzirão oportunidades, seus medos produzirão coragem”.

Augusto Cury

O curso de Artes Visuais justifica a sua existência por tentar responder uma pergunta que inquieta os acadêmicos que o cursam: “De onde viemos? Quem somos? Para onde vamos?” Assim, para responder esta pergunta, pretende-se verificar se é possível contar a história de Mato Grosso do Sul a partir da obra de Humberto Espíndola.

Mato Grosso do Sul é um estado novo, poucos contam ou contaram sua história e, ao observar a obra de Humberto Espíndola e os caminhos percorridos por este artista, foi percebido como é possível à arte contar uma história.

Humberto Espíndola se tornou conhecido em nosso ambiente acadêmico, ao participar de um evento nas Faculdades Magsul, na oportunidade apresentou sua história e parte de sua obra.

A obra ao lado, “O Sopro”¹ demarca o período do nascimento do estado Mato Grosso do Sul, na década de 70, final do século XX (11 outubro de 1977), ele é criado separando-se de Mato Grosso, isso demonstra a importância de se aguçar os olhos frente às obras de artes. A imagem representa a criação, a Genesis de um novo estado, a partir de um sopro revelando um olhar sobrenatural da origem do estado.

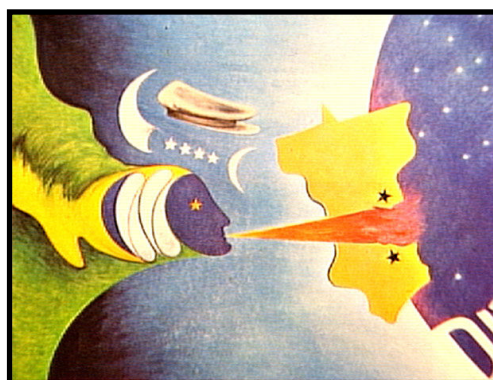


Figura 5: “O Sopro”, 1978 - óleo sobre tela, 130x170cm.

¹ Foto da obra “O Sopro” que faz parte da Série Divisão dos Estados do artista Humberto Espíndola. Todas as obras apresentadas neste trabalho foram retiradas do site oficial do artista.

1.1. Um olhar sobre a arte de Humberto Espíndola.

A preocupação com as artes e com a cultura vem de longo tempo. Artistas, músicos, poetas, pintores, entre outros, apresentam a cultura sul-mato-grossense, através de diferentes formas de expressão e buscam por muitos anos o reconhecimento.

A arte sul-mato-grossense pode ser compreendida através de músicas, esculturas, ou de pinturas artísticas como as de Lídia Baís, Inês Correa da Costa e muitos outros e, um olhar mais atento, pode captar a história de Mato Grosso do Sul através dessas obras. O foco deste trabalho é desvendar esta história através das obras do artista plástico sul-mato-grossense Humberto Espíndola, conhecido nacionalmente e internacionalmente.

A trajetória desse artista foi marcada por lutas, vitórias e conquistas alcançadas. Nunca desistiu de seu objetivo, as dificuldades enfrentadas sempre lhe deram fibra para continuar. Junto com Aline Figueiredo pintora e animadora no campo das artes percorreram seus sonhos. Até hoje continuam nessa jornada artística, que é mostrar a arte do estado ao Brasil e ao mundo, seus trabalhos foram marcados através de exposições, bienais e mostras de artes que o artista participa recebendo críticas e elogios.

Enfrentou dificuldades no campo das artes, por não ser artista de uma metrópole e por mostrar a arte das cidades do interior. Marcados por uma cultura regionalista. Humberto e Aline muda a realidade do cenário artístico em que vivem.

Sensibiliza, conscientiza o artista permanece valorizar e fixar suas raízes, com intuito de mexer na estrutura dos dois estados, abre caminhos para transformar a arte com espaço para divulgação e manifestação dela.

Espíndola trabalha com temática da bovinocultura que caracteriza a sociedade do boi, um dos fatores econômicos que geraram o crescimento do estado. Antes de chegar a esse tema, passou por trajetórias de autoafirmação como artista, pintando as experiências vividas



Figura 6: "Humberto Espíndola"

desde a infância, às influências originárias de uma família de veia artística, que levou Humberto e seus irmãos a conhecer, viver e ter amor pela arte.

Sempre contou com o apoio e com o orgulho de seus pais, apesar dos primeiros anos de carreira não serem fáceis. Não se deixou abater, nem por situações financeiras desfavoráveis. Nada o desanimou, nem mesmo as críticas. Humberto sempre soube valorizar sua arte, percebendo a importância da pintura na sua vida, era algo criado por ele e que lhe trazia alegria e prazer por ter feito.

Viver de arte não é fácil, mas ele plantou sementes para as gerações futuras colherem os frutos do conhecimento através da arte. Ele fez da arte, história!

1.2. Um pouco da infância do artista.

Humberto Espíndola é um artista contemporâneo de Mato Grosso do Sul e apresenta sua arte em forma de pintura.

Sua mãe, D. Alba, pintava, mas não seguiu essa vocação. Foi convidada pelos seus pais para estudar na escola de Belas Artes, mas preferiu casar cedo com Francisco Espíndola, que fugiu de casa aos 13 anos de idade, vindo morar em Campo Grande onde se tornou Juiz de Paz e depois diretor da antiga Recebedoria de Rendas.

Humberto Espíndola nasceu no dia 4 de abril, sendo o 1º filho e neto em uma família de irmãos, dentre os quais se tornaram artistas, Humberto, Sérgio, Geraldo, Tetê, Celito, Alzira, Jerry, cada um seguindo seus objetivos. Vivia numa família de artista, desde cedo pelo lado materno tinha o maior apego com sua avó Alzira Jorge Miranda, considerando-a como sua segunda mãe. Humberto conta que seu avô, Felipe Jorge, também foi importante para despertar esse lado artístico, ele era libanês e dono do primeiro cinema de Cuiabá, sendo assim tinha muita sensibilidade, além de ser muito emotivo e carinhoso, fatos que, com certeza podem ter influenciado a veia artística da família.

Humberto vivia entre São Paulo e Campo Grande e uma de suas primeiras experiências visuais foi no fundo do quintal de sua avó, que tinha um galpão com uma parede que pegava o sol. Humberto usava a mangueira e desenhava até o final da parede, quando o sol secava a figura, ele recomeçava sua família convivendo com esse processo. Ele dizia que aquele espaço era como páginas de um caderno, após

terminar um desenho fazia outro. Gostava de desenhar casas, edifícios em seu caderno de escola. Seus parentes olhavam seu caderno e diziam que ele seria arquiteto.

Outra justificativa para as múltiplas tendências artísticas eram as reuniões de família na casa de sua avó materna, em São Paulo. Ali, Humberto tinha a oportunidade de ficar na companhia de seus três tios trigêmeos: Haroldo, Marcelo e Aécio que eram pianistas e orgulho da família. Apesar de enfrentarem dificuldades nas carreiras artísticas, ele não desistiu de viver pela sua arte: a pintura. Chegando a afirmar:

Eu via toda aquela movimentação, aquela convivência com a arte. Como eu disse, mamãe quis ser pintora meus tios eram pianistas e eu nesse meio. Embora suas carreiras tivessem sido interrompidas por motivos diversos, existe aí um fato curioso: no momento em que se manifestou em mim o artista. Ao invés de um clima desfavorável em função as frustrações antecedentes, percebi um desejo de conquistar a minha parte, alguma coisa me instigou a viver a pintura. Talvez o fato de querer realizar o que eles não puderam conseguir. Daí resolvi viver da arte, mas viver mesmo! E fiz tudo (Rosa, Menegazzo e Rodrigues, 1992, p. 243).

Como a família valorizava as artes, na sua infância conheceu a música erudita, chegando a estudar com o maestro Liebermann, não sendo, porém essa a sua vocação:

Eu também, com meus tios, estudei com o maestro Liebermann, mas saí das aulas, porque mamãe me pegou com a partitura de cabeça para baixo, fazendo os “debussys”, tirando meu “ravéis”... naquele tempo... e por isso deixei de estudar piano. De vez em quando, volta a saudade e mato a vontade em um teclado, dodecafônico sem compromisso... (IBID., p. 244).

Humberto Espíndola conta que sua primeira experiência com a pintura foi humilhante, pois quando estudava em São Paulo, na quarta série ginásial do Colégio Nossa Senhora do Carmo (hoje último ano do Ensino Fundamental), seu tio resolveu pagar umas aulas de pintura com um professor chamado Basi, sua família acreditava no seu talento nato. Chegando à casa do pintor ficou maravilhado com suas obras. Então começou a pintar uma paisagem, ao terminar, o professor observou seu trabalho e começou a dar retoques. O então menino Humberto se sentiu frustrado de levar aquela obra para a casa, sabendo o que havia acontecido.

Após pintar meia dúzia de quadros, parou com as aulas de pintura. Em uma de suas narrativas diz:

No primeiro dia, fiquei admirado, pois nunca havia entrado numa casa, assim, tão cheia de quadros. Eram pinturas românticas, com muito espaço, muitas flores brilhantes, paisagens com aquelas árvores frondosas, cheias de cipós e parasitas, aquele clima todo do romantismo, de luz, de sol no chão, nas folhas... Aquilo tudo muito bonito, muito fascinante. Eu nunca tinha visto! Subi com ele ao sótão, onde trabalhava, como um pintor típico, de boina e tal... Velho, barbudo, com cachimbo... Com voz grossa, gutural: “Hum, hum, menino... Você quer pintar? Escolhe uma tela!” Olhei, peguei uma pequena, assim do tamanho de um papel ofício. Talvez eu desse conta dela, não é? Ele tornou a falar: “- Escolhe um quadro, que você tenha achado bonito” (IBID., p. 244).

Aqui, Humberto deixa um alerta para os professores de artes não inibirem ou frustrarem seus alunos, tentando melhorar seus trabalhos.

Em 1962, foi estudar jornalismo em Curitiba, como acadêmico contou com a contribuição do seu Professor de História da Arte, Carlo Barontini, para o crescimento de seus conhecimentos sobre a pintura. Através de suas explicações sentiu o seu amor e entusiasmo sobre artistas, como: Michelangelo, Renoir, Gauguin, entre outros. Nessa época, Humberto Espíndola se apaixonou pelo estilo de Van Gogh, usando-o como tema de sua monografia e a questão do ácido lisérgico contido nos grãos de trigo que ele mascava.

Como se pode depreender, Humberto nasceu, se criou no meio das artes e conviveu com uma realidade familiar ímpar.

Ao conhecer esses fatos, ganhou força a minha vontade de escolher Humberto Espíndola e a História de Mato Grosso do Sul como tema desta monografia.

1.3. Um pouco da vida adulta.

Ainda acadêmico, em uma viagem de férias a Campo Grande foi visitar sua grande amiga, a pintora Denise Vasconcelos, cujos trabalhos tinham o poder de despertar nele o interesse da pintura. Pintou então seu primeiro quadro, com o nome “Fada”, seguindo o estilo de Van Gogh, utilizando pinceladas grossas típicas desse.

De volta a Curitiba, em 1965, para terminar seu curso, fez alguns trabalhos gráficos e desenhos para seus amigos, que gostavam de seus desenhos (1965).

Com toda minha inexperiência de amador, com minha pouca pintura, alheia as temáticas de vanguarda, fiz verdadeiros exercícios expressionistas (capa dos livros de Sônia Régis Barreto e de Regina Andrade Kristian) e mais tarde, procurei soluções gráficas construtivas a partir de reflexões concretistas (IBID, p. 247).

Ao concluir seu curso, retornou a Campo Grande com o objetivo de pintar, nessa época produziu dez quadros. Conheceu então, Aline Figueiredo que estava à procura de pintores do próprio estado para fazer a primeira exposição de artistas do Mato Grosso. Aline incentivou muito Humberto Espíndola a ser um grande pintor, com a preocupação de que a arte plástica regional pudesse ser reconhecida no Brasil e internacionalmente. Fizeram sua primeira exposição, de 31 de Outubro a 4 de Novembro de 1966. Nesta mostra, estiveram presentes Chateaubriand, Aldemir Martins, João Parisi Filho e o professor Pietro Maria Bardi, que fez uma crítica publicada na revista “Mirante das Artes” dizendo que em “Mato Grosso tem uns gatos pingados, que mexem com os pincéis”. Nessa exposição, participaram também: Jorapimo de Corumbá, Dalva Maria de Barros, Ignês Corrêa da Costa, de Cuiabá, Reginaldo do Nascimento do Araújo, Adelaide Vieira e Conceição dos Bugres, mãe de Ilton Silva.

Aline, cheia de ideais não desistia e resolveu, cada vez mais, investir nas exposições dando toques a Humberto e amigos para participar em palestras e mostras de artes.

Montaram o primeiro atelier de serigrafia em Campo Grande: Humberto trabalhou na companhia de Ilton e Jorapimo, mas cada um tinha seu próprio atelier. Fundaram (AMA) a Associação Mato-grossense de Artes, em Campo Grande, em 1967. Entre 1968 e 1972, fizeram uma exposição e trouxeram outros artistas como Clarival Valadares, Walter Zanini, Geraldo Ferraz. O acervo continha 50 desenhos e guaches de Di Cavalcanti e mais 28 artistas classificadas como nova geração no MAC/USP.

Com a ajuda do Reitor da Universidade Federal, Dr. Gabriel, em 1973 conseguiram um espaço para mostrar a arte. Conseguiram essa oportunidade em Cuiabá, onde existe um acervo de mais de 300 obras, com fatos de artes ocorridos naquele tempo. Em Campo Grande, na época, encontraram dificuldades para o

desenvolvimento dessa parte cultural. Em um relato contido em Rosa, Menegazzo e Rodrigues (1992, p. 249, 250), Humberto extravasou:

Campo Grande sempre teve dificuldade para trabalhar a questão cultural. Existe uma fatalidade por aqui. Eu sempre comento com a Glorinha que a literatura também precisa escrever o romance da sociedade campo-grandense que é uma sociedade misteriosa, uma sociedade de amores ilícitos, de escândalos suicídios, de crimes nas ruas, tanta coisa...

Hoje existe um leque de opções de coisas, que foram experimentadas e que precisam ser retomadas. Não podemos recomeçar, como se nada estivesse existido antes, como se nenhum trabalho tivesse sido realizado nas universidades no teatro. A gente que viveu aquela época, vinte e poucos anos atrás, é que sabe da importância que tiveram os festivais de teatro, de música, os salões de artes plásticas...

Com a divisão do estado Mato Grosso, surgiu Mato Grosso do Sul, provocando transformações em todos os aspectos. Mato Grosso do Sul começou uma busca por sua nova identidade.

Em seus relatos sobre a busca por essa identidade cultural, Humberto lembra de Lídia Baís, uma pintora que estava na busca de seu reconhecimento como artista e como não conseguiu uma boa fase, acabou se isolando. Segundo ele: “A pintura foi-lhe um fardo pesado, que carregou junto à família. Acabou se em clausurando, se decepcionado e interrompendo seu trabalho (IBID., p. 250)”. Humberto discordou de Lídia, e foi atrás de seus objetivos, acreditando na sua forma de se expressar através da pintura:

Você imagina até certo ponto que vai pintar um quadro. Pode até planejar, mas a partir de determinado momento não é mais você que comanda. Posso ter o espaço dividido, as cores determinadas... então mudo esses elementos em função de um a outra leitura, que pode aparecer de repente. É muito interessante, é o grande momento trabalho do artista – não impor a censura onde existe a liberdade de aflorar as coisas, que você intui. Não dá pra comandar racionalmente, senão tudo fica muito frio, muito panfletário. Se você pensar o símbolo, enquanto símbolo, e utilizá-lo com essa função, conscientemente, então você perde o melhor que ele pode oferecer. O crítico sim, esse tem o que dizer do símbolo. Ao artista cabe construí-lo numa linguagem pessoal. (IBID., p. 251)

Como a maioria dos grandes artistas, Humberto Espíndola construiu sua obra passando por várias fases e por vários estilos experimentando do surrealismo ao expressionismo (ao lado Boi alado nas asas do dinheiro, 1967). No seu processo de desenvolvimento artístico, chegou à fase de sua relação

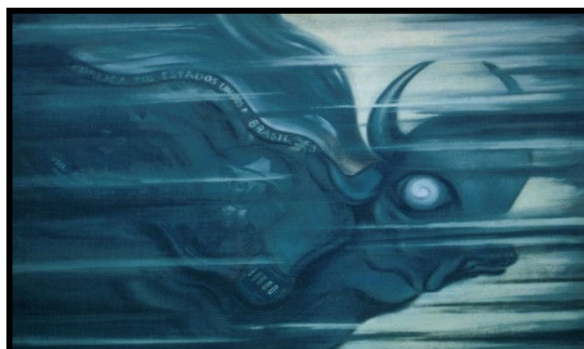


Figura 7: “Boi alado nas asas do dinheiro, 1967”.

com o boi e o dinheiro. Essa temática expressava a sociedade em que vivia, narrando através dos pincéis a vida dos fazendeiros. Mato Grosso do Sul era uma sociedade que dependia do boi, pois só se falava sobre o mesmo entre os fazendeiros e comerciantes do estado.

Assim, há mais de 40 anos pinta a bovinocultura, reconhecendo como animal pelo seu valor econômico, como alimento, e como ícone do estado. O boi se modifica, como as transformações sociais que movem o processo histórico. O artista diz:

Quando eu apareci com aqueles bois gerais, agressivos, satânicos, entre 68, 69, no auge da repressão do Brasil, no momento do AI-5, meus quadros foram censurados na Bienal da Bahia, foram jogados no porão. Foram censurados como representação brasileira na Bienal de Paris - aquele boi dando um pinote sobre a bandeira. Era uma época em que era preciso denunciar, e eu usei o boi como linguagem de denúncia do abuso do poder, tanto do econômico quanto do militar. (IBID., p. 252)

Como filho da região, escolheu a bovinocultura por sentir sua influência para MS. Muitos dos seus quadros dessa fase foram vendidos, como o colocado ao lado: “Boi-brasão”, 1968, Referência Especial do Júri na II Bienal Nacional de Artes Plásticas de Salvador, 1968.

Participou das Bienais em Veneza e São Paulo de 1971 e 1972, usando outras partes do boi como o couro, chifres, crachás e o arame farpado. Na 11ª Bienal de São Paulo, Humberto montou um



Figura 8: “Boi Brasão 1968”.

altar em homenagem aos bois de corte: tinha um crachá negro que dizia “campeão”

e antes de chegar ao altar havia um caminho por onde as pessoas pisavam em casca de arroz. Humberto Espíndola conseguiu mostrar que a arte não acontece apenas nas grandes cidades. O artista pode e deve mostrar a arte da sua região, expressando-se através da sua cultura. Assim, o artista conta sua história apresentando os acontecimentos de seu tempo. Passou por outras fases, conhecidas como: Rosas / Rosetas, 1975/1977; A fase das Queixadas, 1980; a fase Kadiwéu, 1981; a fase nelore -1982 a 1984; e a fase mística. No próximo capítulo, do trabalho será descrita a história da divisão de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul.

II - A LUTA PELA DIVISÃO E A CRIAÇÃO DE UM ESTADO.

“O artista coloca em uma forma, uma verdade de seu ser e de seu mundo, que, ao ser compreendida, se torna um conhecimento partilhado com o outro; esse encontro só é possível, quando a obra é pensada na sua totalidade, o que inclui sua historicidade”.

Maria de Fátima Josgrilbert

O pensamento que abre este capítulo (conforme Josgrilbert, 2004) demonstra que uma obra deve ser compreendida, além de apreciada, mas para isso é necessário conhecer o seu processo histórico.

Ao observar algumas pinturas de Humberto Espíndola, verifica-se que seus quadros contam a história de Mato Grosso do Sul e o seu processo de separação do estado de Mato Grosso, entre outros fatos da cultura regional. Para verificar se essa constatação era verdadeira, sentiu-se a necessidade de um estudo sobre os principais fatos que marcaram essa história. Sem o conhecimento prévio da história regional não é possível perceber a riqueza de detalhes de suas obras, entretanto as pinturas observadas despertaram esta vontade de conhecer melhor as obras pelo seu viés histórico.

2.1. Antecedentes a criação de Mato Grosso do Sul.

Segundo ALISOLETE, (1995, p. 21, 22), Mato Grosso do Sul nasceu do estado de Mato Grosso, que era formado por uma extensão territorial que dificultava a comunicação entre o sul e o norte. Esta divisão era sentida desde o final do século XIX com os primeiros movimentos separatistas, em função de fatores, como:

- Aumento crescente da população;
- Crescimento da economia da região que corresponde hoje a Mato Grosso do Sul;
- Movimentos separatistas que surgiram no final do século XIX, em função do sul de Mato Grosso estar insatisfeito com a administração do estado e com o seu isolamento em relação à capital Cuiabá.

Este último fator pode ser considerado como o marco da idéia da criação do novo estado, pois:

Entretanto, apesar da decadência da economia mineradora, Cuiabá mantém-se como centro político administrativo estadual. Com a capital em Cuiabá, o governo enfrenta alguns entraves para administrar o extenso território mato-grossense: grandes distâncias entre a capital e as cidades do Sul, falta de comunicação eficiente, na apenas com as cidades mato-grossenses, mas também com o Rio de Janeiro, sede do governo federal. Esses entraves fazem de Cuiabá uma capital isolada, dentro próprio Estado de Mato Grosso. Essa distância dificulta ao governo não apenas a fiscalização do desenvolvimento econômico do Sul de Mato Grosso, mas também o controle da divulgação da idéia divisionista na região. (Weingartner, 1995 p. 22)

Destaca mais exemplos que marcam a divisão do estado como em 1880, na região sul do estado, foi criada a empresa Mate Laranjeira que dificultou o povoamento da região, pois não queria ceder terras para as pessoas morarem e criarem gado, uma vez que tinha o controle e o apoio do governo do estado para plantação e exploração da erva-mate.

Assim podemos destacar Bento Xavier um líder que participou do movimento divisionista e intensificou nessa luta pelos seus ideias separatistas não desistindo dessa causa, pois estava cada vez mais convicto da briga que tinha comprado. Entretanto, os primeiros sulistas foram derrotados na luta pela divisão do estado. Foram vários os movimentos, um se deu em 1908, pelo fazendeiro Bento Xavier na cidade de Bela Vista e, após quatro anos de luta, em 1911, os separatistas com Xavier foram derrotados, não conseguindo o objetivo de emancipar o sul.

Em 1911, apesar da vigilância da Companhia Matte Laranjeira, a idéia divisionista mantém-se ativa, e o movimento divisionista ressurgiu com o retorno de Bento Xavier ao Sul de Mato Grosso. As forças revolucionárias de Bento Xavier chegam até a região de Campo Grande, recuando depois até Bela Vista onde Bento Xavier é derrotado pelos coronéis José Alves Ribeiro e Antonio Gomes. O aniquilamento das forças revolucionárias de Bento Xavier sufoca, momentaneamente o movimento divisionista. (Weingartner, 1995 p. 58)

O governo de Getúlio Vargas (1930-1945) teve sua importância na divisão do estado, pois com o fim da República Velha, implantou-se uma forma de governo mais democrática, que mudava os benefícios que privilegiavam a elite cafeeira. Getúlio Vargas foi um líder populista que se tornou Presidente da República com ajuda das Forças Armadas por um movimento armado chamado Revolução de 30. Entretanto, em 1937, Getúlio impôs uma nova Constituição, dando um golpe de

estado e criando uma ditadura populista no país. O país passou a ser governado de forma autoritária com uma forte centralização política e econômica. Entretanto, o país cresceu, sendo regulamentadas muitas leis trabalhistas, como: a do salário mínimo, férias anuais remuneradas, oito horas de trabalho, assistência médica, etc.

As ideias de dividir o estado ressurgiram durante esse governo: primeiro foi criado o Estado de Maracajú, que durou pouco tempo e depois, de 1943 a 46 ainda no governo Vargas, foi criado o território federal de Ponta Porã. Com isso se percebe que a divisão do estado de Mato Grosso era necessária e sentida para o desenvolvimento da região.

Em 1941, o próprio presidente Getúlio Vargas visitou a fronteira, conhecendo a região e seus anseios.

2.2. A criação do estado de Mato Grosso do Sul.

Em 1940, Paulo Coelho Machado desencadeia uma campanha ostensiva em um jornal campo-grandense pela divisão do estado, mas é interrompido, sendo fechado o jornal por João Miller. Várias tentativas de divisão do estado vieram dos movimentos divisionistas, até a época de Ernesto Geisel, presidente da república de 1974 a 1978, durante a ditadura militar. Nesse período, a região já apresentava uma grande importância econômica para o país, pela criação de gado e pelas plantações de grãos.

Em 1974, foi implantada a Lei complementar nº. 20 que visava à criação de novos estados e territórios. Sendo que 1977, as ideias de divisão de Mato Grosso voltaram à pauta, sendo formada uma comissão para estudar a questão, cujo presidente da Liga sul mato grossense era o Dr. Paulo Coelho Machado que conhecia muito bem a história do estado.

Dessa vez, esse fato se concretizou por um ato secreto do governo federal. O presidente que sancionou a lei dividindo o estado de Mato Grosso criando por sua vez o estado de Mato Grosso do Sul, em 11 de outubro de 1977, foi Ernesto Geisel.

A cidade de Campo Grande foi escolhida como capital, mas só em 1º de janeiro de 1979, com a posse do primeiro governador, o engenheiro gaúcho Harry Amorim Costa é que o estado passou a ter sua própria administração.

Esta divisão era uma necessidade para quem habitava o sul, uma vez que para a resolução de qualquer problema administrativo era necessário ir à capital Cuiabá, muito distante dos sul do estado. O governo argumentou que a área territorial era muito extensa e, além de dificultar a administração, as regiões apresentavam diferenças ecológicas consideráveis (CAMPESTRINI E GUIMARÃES, 2002 p. 249)

No dia 24 de agosto de 1977, o então presidente da república Ernesto Geisel enviava a Mensagem n. 91, de 1977-CN, com o projeto de lei complementar de criação do novo Estado. No dia 11 de outubro de 1977, o mesmo presidente assinava, em solenidade Histórica, a lei complementar n.31, criando o Estado de Mato Grosso do Sul pelo desmembramento de área do Estado de Mato Grosso, com a capital em Campo Grande.

Humberto Espíndola materializou este ato com sua obra “O Sopro”, feita em 1978!

2.3. A evolução de Mato Grosso do Sul.

Após a divisão do estado, foi empossado Harry Amorim Costa ocupando o cargo de primeiro governador do estado, nomeado pelo governo federal. Durante a ditadura militar, de 1964 até 1985, os presidentes não eram eleitos pelo povo, assim como os governadores, que eram nomeados pelas bases do governo militar, pois era um momento de controle e repressão.

Portanto, o estado de Mato Grosso do Sul é um estado jovem, pois tem apenas três décadas de vida. Assistiu o final da ditadura militar e viveu a redemocratização do país. Nesses trinta anos, cresceu e demonstrou que realmente a divisão era necessária para o progresso da região.

O desenvolvimento do estado se deu em função da sua economia centralizada na criação de gado e na agricultura de grãos. O estado se desenvolveu muito com o crescimento populacional, a construção de estradas para escoamento da produção e modernização das cidades. Campo Grande cresceu fazendo jus de ser a capital do novo estado. Segundo CAMPESTRINI E GUIMARÃES, (2002, p. 256, 258).

Durante esses pouco mais de trinta anos o estado teve os seguintes governadores:

Harry Amorim Costa: o 1º governador do estado, que tomou posse em 1º de janeiro de 1979, nomeado pelo governo militar ficando pouco tempo no cargo, pois saiu em 12 de junho do mesmo ano. (Fonte 2002)



Figura 9: Harry Amorim Costa

Londres Machado ficou menos tempo ainda no poder, foi eleito pela Assembléia Legislativa no dia 13 de Junho de 1979 assumindo interinamente e permanecendo até o dia 29 de junho do mesmo ano.

Em sequencia, **Marcelo Miranda Soares** tomou posse no dia 30 de junho, governando até o dia 30 de outubro do ano seguinte.

Londres Machado assume mais uma vez interinamente por menos de um mês e foi seguido por Pedro Pedrossian.

Pedro Pedrossian foi também nomeado pelo presidente da república, tomando posse no dia 7 de novembro de 1980 até 15 de março de 1983. Optou pela regionalização do desenvolvimento: levantando projetos, como; Apa-poré, Guairá-Porã, a Rodovia da Soja etc...



Figura 10: Pedro Pedrossian

Wilson Barbosa Martins foi primeiro a ser eleito pelos sul-mato-grossenses, em 15 de Março de 1983 governando até o dia 15 de Maio de 1986. Nesse período, Wilson foi licenciado para se tornar Senador assumindo o vice Ramez Tebet (1986-1987) que asfaltou algumas rodovias, implantou estradas de 2.600km e 1.250 km de linhas de transmissão de energia elétrica e construiu 609 salas de aula reodernando a situação financeira.



Figura 11: Wilson Barbosa Martins

Marcelo Miranda Soares (15 de março de 1987 a 1991): No período que Marcelo Miranda governou foi criado a Polícia Florestal, houve a instalação de indústrias esmagadoras de soja, houve implantação de 956 km rodovias e asfaltos, destacando-se a conclusão do asfaltamento das rodovias de Campo grande/Três Lagoas e Água Clara /Paranaíba. Construiu centenas de sala de aula. No dia 5 de Abril de 1989 foi promulgada a Nova Constituição do Estado. (Fonte 2002)



Figura 12: Marcelo Miranda Soares

Pedro Pedrossian mais uma vez vem a ser governador do estado, de 1991/1995, desta vez eleito pelo povo, em meio de uma crise institucional causada principalmente pela política recessiva do governo federal. O estado estava com uma dívida de 1(um) bilhão de dólares dos quais quatrocentos milhões já vencidos e outros cem milhões que haviam vencido no exercício anterior, além de uma completa desagregação da administração pública, cuja face mais visível e traumática estava na ocupação física da governadoria por comandos de grave, em função de pagamento de salários atrasados. Lançou, durante seu governo, programas como Nosso Índio, um Cidadão, Novilho Precoce, Fronteiras do Futuro, Terra Viva.

Wilson Barbosa Martins voltou mais uma vez eleito pelo povo, tomando posse em 1º de janeiro de 1995, ficando até 1999. Implantou programas como Tempo Alfabetizar; Irradiação do Trabalho Infantil nas Carvoarias de Mato Grosso do Sul. Ocorrendo também a implantação de boa parte do Gasoduto Bolívia/Brasil e da Ferronorte, a construção da ponte rodoferroviária (inaugurada em 1988) e o início da construção da ponte sobre o rio Paraguai, em Morrinhos, inaugurada em 10 de Maio de 2001.

José Orcírio Miranda dos Santos assumiu o governo estadual em 1º de Janeiro de 1999, ficando até 2003. Foi eleito pela oposição e derrotou forças tradicionais no estado, comprometidas principalmente por acusações de corrupção e desmandos de governadores anteriores. O governo deu especial destaque ao Pantanal, como pólo turístico. O estado experimentou o progresso de forma carente em planejamento estrutural, nas mais diversas atividades: construção de



Figura 13: José Orcírio Miranda dos Santos

termoelétricas, programas sociais, financiamento para atividades de desenvolvimento sustentado na região do Pantanal; aprimoramento tecnológico na produção de grãos e carnes. A omissão de governadores anteriores e o atual ocasionaram o desemprego, a falta de segurança, a invasão de terras e degradação do meio ambiente. Foi reeleito para o período 2003 a 2007. (Fonte 2002)

O atual governador é **André Puccinelli**, que foi eleito em 2007 e posteriormente reeleito. Esteve à frente de uma administração que foi marcada pela expansão da infraestrutura urbana da capital de MS. Urbanizou bairros e tocou programas habitacionais ambiciosos. (Fonte 2002).



Figura 14: André Puccinelli

Durante todo este período, Humberto Espíndola não parou de produzir arte e contar a história do estado.

2.4. Mato Grosso do Sul de hoje.

Mato Grosso do Sul está localizado na região centro-oeste do Brasil, fazendo fronteira com os estados: de Goiás a nordeste, Minas Gerais a leste, Mato Grosso (norte), Paraná (sul) e São Paulo (sudeste) e com os países; além da Bolívia (oeste) e o Paraguai (oeste e sul). Hoje sua população estimada é de 2.449.024 (segundo o censo do IBGE de 2010).

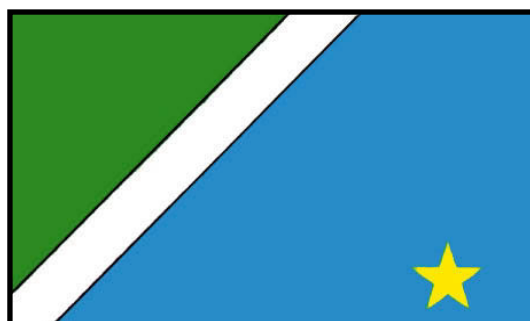


Figura 15: Bandeira de MS

Apresenta um clima do tipo tropical ou tropical de altitude, com chuvas de verão e inverno seco, caracterizado por médias termométricas que variam entre 25º C na baixada do Paraguai e 20º C no planalto.

Sua cultura foi formada por diferentes povos que vieram para região, procurando melhores condições de vida. Hoje, sua população apresenta traços multiculturais de influência indígenas, paraguaios, paulistas, mineiros entre outros.

Sua bandeira é formada pelas cores: Verde: riqueza das matas e campo; Branco: paz e amizade; Azul: céu de esperança; Amarelo: riqueza produzida pelo trabalho. Humberto utilizou estas cores em suas obras, como na obra ao lado da “Série Queixadas”, 1980.



Figura 16: “Queixadas, 1980”.

O estado é dividido em 11 (onze) micro regiões: Alto Taquari, Aquidauana, Baixo Pantanal, Bodoquena, Campo Grande, Cassilândia, Dourados, Iguatemi, Nova Andradina, Paranaíba, Três Lagoas. Parte do Pantanal está dentro do seu território e atrai turistas do mundo todo pelas condições naturais preservadas: fauna, flora, rios e cachoeiras. Mato Grosso do Sul se destaca pela agricultura, pela pecuária e pelo seu ecossistema. Humberto Espíndola retratou as múltiplas faces do boi, como pode se observar em muitas de suas obras, um símbolo econômico do estado.

2.4.1 Agricultura de MS.

Segundo GRESSLER, VASCONCELOS, (2005, p. 181, 182), a agricultura em Mato Grosso do Sul é uma atividade econômica muito importante. As terras do estado há muito tempo, vêm sendo ocupadas pela criação de gado e agricultura. Vários fatores concorrem para este destaque. Podendo ser citados a combinação do relevo, clima fertilidade do solo, condições hidrográficas, localização geográfica e principalmente sua população. A exploração agrícola no estado tem como base a cultura da soja, depois vem o milho, seguindo o arroz, mandioca, algodão, feijão, cana-de-açúcar, sorgo, aveia, hortaliças, frutas, entre outras culturas. (Fonte 2005).

Os produtores contam ainda com equipamentos modernos, como tratores, plantadeiras, pulverizados, colhedeiros, silos e armazéns e, em alguns casos com sistema de irrigação pivô central. O avanço científico desenvolvido por empresas particulares e públicas relacionadas à várias espécies de plantações. Com esses estudos os produtores rurais passaram a contar com sementes que melhor se adaptam as condições de clima e relevo do estado. As atividades econômicas em MS aumentaram sendo que as maiores vendas do comércio estão relacionadas com a agricultura. Por exemplo, a venda de tratores, colhedeiros, fertilizantes, combustíveis, etc. A indústria e o setor de serviços, também estão em grande parte relacionadas com atividades agrícolas. (Fonte 2005).

A criação de animais, suínos aves, peixes, depende da agricultura, da produção de grão como soja, milho, sorgo, aveia, etc. Mato Grosso do Sul é um grande celeiro de grãos, mas seus produtores enfrentam alguns problemas na produção e comercialização dos grãos, como: os transgênicos, agrotóxicos, subsídios, endividamento, transporte, impostos. (Fonte 2005)

2.4.2 A bovinocultura

Segundo GRESSLER, VASCONCELOS, (2005, p. 184, 182), A pecuária bovina no estado é, em sua grande maioria realizada “a pasto”, isto é, o gado é alimentadas em pastagens naturais ou plantadas. Com 22 milhões de cabeças ocupando a primeira posição de animais. A maior parte do gado de Mato Grosso do Sul é responsável pela produção de mais de 800 mil toneladas de carne. A maior parte do gado de Mato Grosso do Sul é responsável pela produção de mais de 800 mil toneladas de carne.

O estado exporta carne para países como a União Europeia, Estados Unidos, países sul-americanos como Argentina, Uruguai e Paraguai, além do mercado asiático, como Hong Kong. Muitos pecuaristas usam a inseminação artificial e transplantes de embriões como melhoramento genético do rebanho. (Fonte 2005).



Figura 17: “Madona – Vaca Sagrada, 1983”.

A raça de maior destaque é a nelore fazendo cruzamento com diversas raças europeias. Humberto Espíndola traz esta realidade em sua obra com a série “Nelore”. Ao lado o quadro “Madona - Vaca Sagrada”, 1983.

Toda esta história pode ser contemplada na obra de Humberto Espíndola, que nos mostra: a divisão do estado, a força da ditadura militar, as cores fortes da região e o crescimento de um estado que tem por base a bovinocultura, a agricultura e a riqueza do seu ecossistema.

Humberto é um artista que cresceu junto com Mato Grosso do Sul e não nega suas raízes, valorizando-as e contando-as através de suas telas. É a vida de um povo que aqui se estabilizou, construindo vidas que originaram um estado promissor. Ao lado um quadro da “Série rodeios”, datada de 1997, que mostra um esporte de destaque na região.

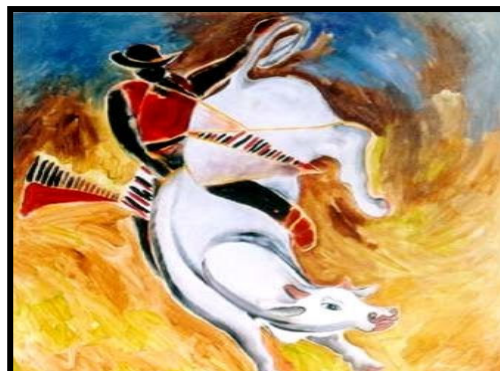


Figura 18: “Rodeios, 1997”.

No próximo capítulo, será feita a apresentação da obra deste artista, procurando nela os traços históricos da região. Com isso, pretende-se ampliar o

olhar das pessoas que contemplam um quadro, ou qualquer obra de arte, demonstrando que é possível ver muito mais do que aquilo que está aparentemente expresso e que uma aula de história pode ser muito mais interessante se for apresentada de forma concreta através de trabalhos artísticos que marcam uma determinada época.

III - HUMBERTO ESPÍNDOLA E A HISTÓRIA DE MATO GROSSO DO SUL: UM ENCONTRO.

“Porque estamos no mundo, estamos condenados ao sentido, e não podemos fazer nada nem dizer nada que não adquira um nome na história”.

Merleau-Ponty

Um artista é comparado a um narrador porque ele tem o poder de atrair e seduzir o leitor/contemplador, mas os dois fazem o mesmo papel. O artista se expressa na obra! O narrador narra uma história! Assim, os dois, fazem um convite ao leitor/contemplador para desfrutar e conhecer a arte e a história.

O artista tem o poder de fazer esse sentido estético que é concretizado na obra, usando elementos simbólicos, cores, ícones. O artista aqui representado é Humberto Espíndola que seduz seus contempladores através de suas obras impregnadas da cultura sul-mato-grossense. Como leitor/contemplador não foi observado apenas a estética das obras, se foi além delas! Além do que o artista propôs nos ícones e símbolos. Observou-se o contexto, sua história, o que instigou uma procura: o porquê desses elementos retratados. Chegando-se a história de Mato Grosso do Sul. Na série estudada, o narrador é o boi, que mostra a história mudando suas feições.

²Segundo MENEGAZZO:

Todo narrador é um sedutor a quem é dada a tarefa de enunciar um discurso. Não um discurso qualquer, mas o discurso de um ponto de vista. O artista é um narrador que imprime sentido estético ao fazer humano. Assim, ele é um narrador privilegiado, pois traduz os fatos seduzindo o leitor-contemplador, ao mesmo tempo em que nos oferece a possibilidade de dialogar com seu objeto. Fiel à marca da Bovinocultura, Humberto Espíndola atribui ao boi o papel de narrador da história, manipulando suas máscaras, variando-lhes os sentidos de acordo com o contexto.

Uma obra é uma prova concreta da importância da interdisciplinaridade, pois através dela pode se conhecer, às vezes de forma oculta, seu contexto. Isso se mostra bem não só nas obras de Espíndola, mas de artistas que retratam a política, o social, o cultural de sua época!

² Informação contida no site: www.humbertoespindola.com.br

Um professor de história poderia utilizar como instrumento didático, as obras da série “Divisão dos Estados” de Humberto Espíndola, buscando elementos estéticos e históricos, contidos na obra para traduzir e explicar a história do estado. A análise da série “Divisão do Mato Grosso” de Humberto Espíndola será destacado neste trabalho apresentando a “História de Mato Grosso do Sul” demonstrando os aspectos econômicos, políticos, geográficos, administrativos e culturais nela contidos.

3.1. Metodologia da Pesquisa.

Foram escolhidas sete obras tais como, O passeio do General, Pecu e Pecúnia discutem a Divisão, O Sopro, Cidades rivais, Nascimento de MS, Eterna saudade, O Arcebispo, verificando-se através das imagens, as categorias que se apresentam e de que forma elas contam a história de Mato Grosso do Sul, do período da sua criação. As obras foram analisadas pela observação e descrição do pesquisador, caracterizando-se como um estudo de caso. Os estudos de semiótica foram essenciais para a compreensão dos símbolos utilizados pelo artista. Após essa etapa, voltou-se aos teóricos que falam da obra de Humberto Espíndola.

Poucos são os livros e sites que contam a história de Mato Grosso do Sul. Assim, falaremos das bases de estudo que foram fundamentais para essa pesquisa a começar pela escritora Maria Adélia Menegazzo que contribuiu com análises sobre as obras da série pesquisada, encontradas no site do artista Humberto Espíndola.

Foi necessário, estudar o movimento divisionista desde sua origem a história do estado, para entendê-la no todo e para poder compreender as influências dos seus ideais no passado do sul de Mato Grosso e falar do poder e da paixão dos sulistas pelo movimento que se intensificou, mas que foi derrotado por um período pelo poderio da Cia. Matte Laranjeira que tinha uma estreita ligação com o governo estadual que gerou privilégios impedindo o agir das oligarquias sulinas, crescendo economicamente com o direito de controlar todo estado por causa da erva mate.

O próprio Humberto Espíndola representa o movimento através da cor vermelha, com a obra “Cidades rivais” e outras intensificando a presença dos ideais divisionistas. Portanto, para se conhecer os diversos projetos separatistas que culminaram na década de 70, do século XX, foi utilizado o livro Movimento

Divisionista No Mato Grosso do Sul, escrito por Weingartner, 1995, que faz um recorte cronológico de 1889 a 1930.

“História de Mato Grosso do Sul” é um livro escrito pelos autores Campestrini e Guimarães, 2002, que também ajudou na busca da história da divisão, retratando mais de perto esse fato encontrado nos elementos simbólicos dos quadros de Espíndola.

O ato que ocorreu em 11 de outubro de 1977, pelo governo do presidente da época Ernesto Geisel. A ação do presidente em relação à divisão surpreendeu o povo, pois foi uma luta, anteriormente, travada por guerras, armas e mortes. Geisel simplesmente agiu atrás dos bastidores e com sua assinatura oficializou em 1º de Janeiro de 1979, um anseio antigo. Harry Amorim Costa foi nomeado o primeiro governador do estado de Mato Grosso do Sul. (Fonte 2002).

3.2. Obras que contam a história.

Neste tópico, serão apresentadas sete obras da série escolhida: “Divisão de Mato Grosso”, relacionando-as aos fatos históricos. É importante ressaltar que as análises não foram feitas apenas por esta pesquisadora em sua pesquisa acadêmica, mas teve como embasamento teórico as análises feitas por Maria Adélia Menegazzo, uma vez que o objetivo deste trabalho não é apenas analisar as obras, mas demonstrar que elas contam a História de Mato Grosso do Sul e podem ser utilizadas pelos docentes desta área como um excelente material didático, demonstrando que Arte e História caminham juntas.

3.2.1 - 1ª Obra: O Passeio do General

Ao contemplar a obra “O Passeio do General”, de 1978, colocada ao lado, pode-se apreciar que a cena mostra o general segurando o estado de Mato Grosso, uno, mas com uma tesoura que pretende cortá-lo; como referência no meio deles, Brasília, o local do poder central, onde se fez valer a divisão do estado!



Figura 19: *O passeio do General*, 1978 - óleo sobre tela, 130x170cm.

O nome da obra já diz tudo o “Passeio do General”. O poder militar, na época da ditadura, estava examinando a situação do estado, representado pelo couro do boi, em Brasília, capital do país, uma vez que esse poder tinha autonomia para que ocorresse a divisão. Em 1974, foi instituída a lei complementar nº. 20 que estabelecia a criação de novos estados e territórios. CAMPESTRINI e GUIMARAES explicam que:

Em 1974, a Lei Complementar n. 20, ao estabelecer a legislação básica para a criação de novos estados e territórios, reacendeu a campanha pela autonomia do sul; em 1977, foi reativada por Paulo Coelho Machado, em Campo Grande, a Liga Sul-Mato-Grossense que liderou a campanha, tendo a oposição do então governador de Mato Grosso José Garcia Neto. (2002, p. 245)

O governo estava estudando como iria acontecer a divisão do estado que estava em pauta nos anos 70, um estudo originário dos diversos projetos separatistas, desde o início do século.

Na obra apresentada, o poder é representado através de elementos simbólicos, como: nariz, a boca. Não é mostrada a face do general, mas sua presença é representada na farda. O poder é ressaltado no olhar do governo, que parece indiferente, em relação aos estados a serem divididos. A mão branca é uma das características que faz parte dessa indiferença. A tesoura, que recorta o couro, mostra o mapa de Mato Grosso, uno como era antes da divisão, a mesma tem como símbolo um “fórceps”, aparelho que ajuda nos partos difíceis.

O governo, entretanto sentia a necessidade da divisão, pelo território que era

extenso. WEINGARTNER esclarece que:

Entretanto, apesar da decadência da economia mineradora, Cuiabá mantém-se como centro político-administrativo estadual. Com a capital em Cuiabá o governo enfrenta alguns entraves para administrar o extenso território mato-grossense: grandes distâncias entre a capital e as cidades do Sul, falta de comunicação eficiente, não apenas com as cidades mato-grossenses, mas também com o Rio de Janeiro, sede do governo federal. Esses entraves fazem de Cuiabá uma capital isolada, dentro do próprio Estado de Mato Grosso. Essa distância dificulta ao governo não apenas a fiscalização do desenvolvimento econômico do Sul de Mato Grosso, mas também o controle da divulgação da idéia divisionista na região. Assim, o sul do Estado, apesar de distante da Capital, torna-se por causa de sua importância sócio-econômica e política, o ponto de atenção do governo estadual (1995, p. 22).

O tamanho do estado, que pode ser observado no mapa do Brasil, ao lado, está presente na obra, que sobrevoa a parte do Pantanal mato-grossense à esquerda e ao norte tendo uma referência a Chapada dos Guimarães. A obra retrata fatos anteriores à divisão, pois, ao sul, a estrela ainda não está fixada.



Figura 20: Mapa do Brasil antes da divisão do estado – 1975

A imagem mostra a figura de um pássaro que recebe uma faixa branca e perde a noção do espaço quando tenta fazer o pouso.

Conclui-se que o governo estava ainda sondando a possível criação do estado, através de estudos chefiados por Paulo Coelho Machado que fazia parte da liga sul mato-grossense. Sendo que este estudo chegou aos ouvidos do poder central, que na obra é retratado pelo olhar feroz da face anônima do

general. Estava nas mãos do poder central de fato! Isso confirma que a divisão do estado era do interesse do poder central.

Segundo CAMPESTRINI e GUIMARÃES:

Os integrantes da Liga, trabalhando com competência, rapidez e sigilo, forneceram ao governo federal os subsídios necessários à viabilização do projeto, entendendo que, se não agissem rapidamente e não aproveitassem o apoio da declaração do então presidente Ernesto Geisel, a decisão seria adiada mais uma vez. Anota-se que os líderes do norte (incluído o governador Garcia Neto)

em momento algum foram ouvidos, marginalizados principalmente pelo governo federal. (2002, p. 245)

Essa primeira obra é fantástica, como fonte histórica. Entretanto, parece misteriosa, por não dizer ao certo se o poder central estava a favor ou contra o ato separatista. Estes questionamentos, que surgem a cada obra, é que levam o contemplador a refletir sobre o momento histórico: neste caso um momento de repressão e ditadura militar, mas importante, pois define a criação deste estado.

3.2.2 - 2ª Obra: Pecus e Pecúnia discutem a divisão

Ao apreciar a segunda obra “Pecus e Pecúnia discutem a Divisão”, de 1978. Pode-se ver Pecus (o boi) ou o General, pela farda, pressionando os ombros de Pecúnia (o dinheiro), que se transforma na bandeira do Brasil. A parte amarela simboliza as riquezas, ouro do país, que vira uma insígnia, uma moeda, representada pelo rosto da pecúnia. O sul de Mato Grosso era



Figura 21: *Pecus e Pecúnia discutem a Divisão*, 1978 - óleo sobre tela, 120x180cm.

muito desenvolvido na agropecuária e nas terras produtivas. Pode-se destacar um antes e um depois para ver como o movimento divisionista estava forte. Em uma justificativa feita pelos ministros de estado da justiça Armando Falcão, da secretaria de planejamento da presidência da república João Paulo dos Reis Velloso e do interior Maurício Rangel, nesse contexto ambos evidenciam um parecer sobre a criação Mato Grosso do Sul:

De há muito vem sendo sugerida a criação da nova Unidade da Federação, pelo desmembramento desse grande Estado Centro-Oeste do País. Razões diversas, de ordem econômica, geográfica, política e administrativa justificam a divisão do Estado de Mato Grosso.

A região Sul do Estado apresenta excepcionais condições de desenvolvimento a curto prazo, em decorrência de vantagens de localização, integrada aos corredores de exportação da área de São

Paulo e Paraná, e de suas potencialidades em especial no setor agropecuário.(CAMPESTRINI e GUIMARÃES, 2002, p. 246)

As viagens ferroviárias foram outros fatores que ajudaram na divisão dos estados, uma vez que após instalação da ferrovia Campo Grande em 1914, o eixo Cuiabá-Corumbá que passava pelo rio Paraguai mudou para Campo Grande-São Paulo com livre acesso para comercialização. Segundo WEINGARTNER:

Após a regularização das viagens ferroviárias, Campo Grande, além da capital militar, torna-se a capital econômica do Sul de Mato Grosso, passando a ser o principal entreposto comercial na região. A ferrovia propicia a transferência do eixo econômico Cuiabá-Corumbá, através do rio Paraguai, para Campo Grande-São Paulo. (1995, p.249)

A cor vermelha, de fundo, representa o desejo divisionista, o amor pelas conquistas da terra. Na obra, a deusa da Fortuna pousa sua mão na parte pequena do sul de Mato Grosso que era bem desenvolvida e queria se emancipar. WEINGARTNER afirma que:

A importância sócio-econômica e política do sul de Mato Grosso acentua-se na medida em que ocorre a sistematização da criação do gado, a posse da terra e a formação de vilas e de cidades; concomitante a esses fatores ocorre a instalação da Companhia Matte Laranjeira e a Ligação ferroviária entre Sul de Mato Grosso e São Paulo. (1995, p.22).

O deus touro, o general, segura com força os ombros de pecúnia que tem as mãos estendidas para o sul de Mato Grosso, que se tornara bem mais desenvolvido que o norte, onde o ouro já havia sido esgotado. A tesoura, mais uma vez, representa o corte, a divisão.

Por fim quando apressou a criação do novo Estado, o presidente Geisel considerava o desmembramento o meio mais adequado para acelerar o desenvolvimento econômico e social de ambos os estados; o sul com excelentes condições para tornar-se grande produtor de grãos e de carne; o norte, com condições para o rápido povoamento e ocupação dos extensos vazios. (GUIMARÃES e CAMPESTRINI, 2002, p. 248)

Pecus aperta o ombro de pecúnia, o poder militar representado pelo Presidente Ernesto Geisel foi a favor da divisão. Havia também políticos contrários à criação do estado, por exemplo, o político Jânio da Silva Quadros, ex-presidente,

nascido no sul de Mato Grosso sendo que com suas ideias, na década de 60 o movimento esfriou. Segundo CAMPESTRINI e GUIMARÃES:

Antônio Mendes Canale (ex-senador da república) lembra que Jânio pregou, em comício realizado durante a sua campanha eleitoral de 1960, em Campo Grande, idéia contrária ao divisionismo ter lançado expressão bem própria dele - ao ver uma propaganda divisionista que trazia o mapa do Estado de Mato Grosso com uma tesoura, atravessando-o, aberta ao corte – “Está tesoura está como cortando o coração”. (Discurso no Senado, em 1977). (2002, p. 244)

No dia 24 de Agosto de 1977, o então presidente Ernesto Geisel enviava a mensagem n.91m de 1977-CN, com o mesmo projeto de lei complementar de criação do novo Estado. No dia 11 de Outubro de 1977, o mesmo presidente assinava, em solenidade histórica, a Lei Complementar n.31, criando o Estado de Mato Grosso, com a capital em Campo Grande. (2002, p. 249)

Humberto Espíndola, em sua obra “Pecus e Pecúnia” pinta o processo de divisão do estado de forma sobrenatural e natural, misturando e classificando seus elementos. Natural: o homem, a divisão no papel, os fatores divisionistas que impulsionaram a criação do estado aqui na terra. O sobrenatural: vai além do natural, sua existência, o poder, representado pela figura do deus boi que representa o general; o boi é economia da região, a deusa da fortuna se transforma na bandeira do Brasil, que representa a riqueza no país. A hegemonia do deus e a riqueza da deusa apresentam, de forma sobrenatural, os dois estados, em fase desenvolvimento econômico. A discussão entre Pecus e Pecúnia repousa sobre o globo terrestre e sobre ele o papel e a caneta. Humberto brinca com a imaginação mostrando que é possível retratar de forma sobrenatural e natural uma obra de arte e um fato histórico.

3.2.3 - 3ª obra: O Sopro

A terceira obra selecionada, “O Sopro”, de 1978 mostra a Bandeira Nacional Brasileira como uma figura mitológica que apresenta o sopro da vida. Assim, Humberto nos mostra o nascimento do tão sonhado Mato Grosso do Sul. Essa criação ocorre durante o governo militar, na ocasião sob o



Figura 22: **O Sopro**, 1978 - óleo sobre tela, 130x170cm.

comandado de Ernesto Geisel. A deusa que dá o sopro da vida representa o general, pois outros símbolos que estão na obra definem o militarismo, como: o quepe, a patente com as estrelas que saem da cornucópia símbolo da felicidade e fortuna.

Um ato que se fez valer, na presidência do presidente Ernesto Geisel naquela época com a assinatura no dia 11 de Outubro de 1977, com a presença da liga sul-mato-grossense.

No dia 24 de Agosto de 1977, o então presidente Ernesto Geisel enviava a mensagem n.91m de 1977-CN, com o mesmo projeto de lei complementar de criação do novo Estado. No dia 11 de Outubro de 1977, o mesmo presidente assinava, em solenidade histórica, a Lei Complementar n.31, criando o Estado de Mato Grosso do Sul, com a capital em Campo Grande. (CAMPESTRINI e GUIMARÃES, 2002, p. 249)

Isto alia a história com a obra de Humberto Espíndola, que representou esse ato usando a mitologia: o real é representado de forma sobrenatural.

A obra “O Sopro” nos leva à reflexão: Através de um sopro criamos algo? A fé nos mostra que sim! A vida! O artista faz a relação da criação do estado com a criação divina.

O ser humano é a obra prima de Deus. A Bíblia relata que Deus criou o homem soprando o fôlego de vida nas suas narinas. Gênesis 2:7 conta “E formou o Senhor Deus o homem do pó da terra e soprou em seus narizes o fôlego da vida; e o homem foi feito alma vivente”. Deus criou o homem, o homem cria a história! Sendo uma comparação com o sopro de vida. Por essas referências espirituais o contexto nos leva a um olhar mais profundo! Os professores precisam observar que a arte conta a História e só com a educação é possível criar uma vida melhor!

3.2.4 - 4ª obra: Cidades Rivais

A quarta obra Cidades Rivais, 1978 tem ícones, símbolos que revelam a rivalidade entre as cidades do norte e sul de Mato Grosso. O artista soube destacar essa rivalidade presente. Na ilustração, Cuiabá está à direita, e acima, o artista faz um desenho de linhas, simbolizando a

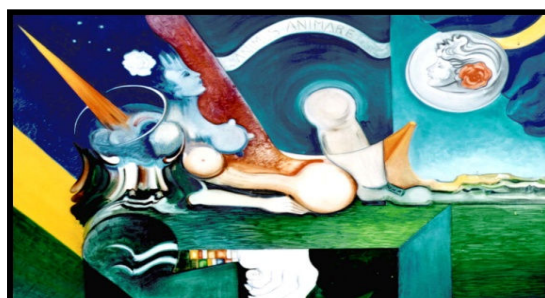


Figura 23: **Cidades rivais**, 1978 - óleo sobre tela, 130x170cm.

Chapada dos Guimarães. Campo Grande está situado na parte esquerda de forma geométrica. É possível visualizar a figura do general fardado usando insígnias e segurando uma faca. Mais uma vez, utiliza-se as análises feitas por Adélia Menegazzo, em seus estudos sobre a obra de Humberto Espíndola.

Este quadro também pertence à série “Divisão dos estados”, utiliza a cor vermelha como ícone marcante, pois representa o amor pelos ideais da divisão que impulsionaram os fazendeiros, os comerciantes, proprietários do interior do estado, os sulistas a acreditar, ir em frente e estabelecer o movimento divisionista. A Cia. Matte Laranjeira agiu constantemente com suas estratégias, trouxe problemas e benefícios à propagação dos grupos divisionistas no interior do estado.

WEINGARTNER esclarece:

Foi nessas complexas relações que a Companhia Matte Laranjeira interveio na política estadual impedindo a divisão do Estado. Essa interferência ocorreu através da sua estreita ligação com o governo estadual, que lhe concedia inúmeros privilégios, que lhe permitiram não apenas cercear a ação das oligarquias sulinas, como também, propiciaram-lhe uma prosperidade econômica proporcionando-lhe uma renda superior à do Estado. (1995, p. 79).

A companhia fortaleceu os grupos sulistas, se infiltrou no interior do estado e manipulou as oligarquias do norte, com o objetivo de afastar os migrantes e proprietários do sul. O cenário, porém, mudou com o crescimento e fortalecimento dos divisionistas, que ocorreu por causa das crises ocorridas no norte do estado e a construção da ferrovia, dando abertura as lutas e posses de terra no sul. Segundo WEINGARTNER:

Enquanto a Matte Laranjeira monopoliza o arrendamento e a exploração dos ervais, impedindo a fixação de migrantes na região, a Companhia Noroeste do Brasil atrai imigrantes, indústrias, principalmente pastoril, e impulsiona o intercâmbio sócio-econômico e político entre o Sul de Mato Grosso, São Paulo e Rio de Janeiro. A intensidade desse intercâmbio e outros fatores possibilitam a propagação do movimento divisionista. (1995, p.35,36)

As estratégias da Matte Laranjeira ocasionaram brigas pelas posses de terra, confrontos armados. Os sulistas e os próprios moradores não cederam ao poder privado, o que intensificou o desejo de separação do sul do estado.

Em “Cidades rivais”, mais uma vez, Humberto destaca um fato importante da divisão dos estados de MS e MT, ao apontar a rivalidade das duas cidades: Campo Grande e Cuiabá, que hoje são as capitais dos estados, apontando o fortalecimento da região sul, que aos poucos foi se consolidando.

3.2.5 - 5ª obra: Nascimento de Mato Grosso do Sul

A obra aborda o nascimento do Estado de Mato Grosso do Sul, amparada pelo poder militar. O boi/bezerro nasce amparado pela mão verde do militar, representando o encontro do poder com a fonte econômica do novo estado.

O rosto do militar lembra a bandeira brasileira, símbolo do poder central, a faixa branca a frase “Ordem e Progresso”. Pode se compreender que o poder militar envolve o bezerro de ouro, origem das riquezas locais.

Estas são características simbólicas na obra que traduzem a presença do poder militar que não só envolveu, mas participou da criação e do nascimento sul-mato-grossense sendo como uma criança dando seus primeiros passos.

A bandeira de Mato Grosso do Sul, ao ser criada, também vai se utilizar das cores: azul representando céu da esperança; a estrela amarela a riqueza reproduzida pelo trabalho; o branco com a paz e amizade; e o verde riqueza das matas e dos campos

As cores nas bandeiras do Brasil e na do estado de MS estão interligadas, cada uma com a sua representação. É como se o sul, ao nascer, emergisse do país, pelas mãos do Governo Federal, presença caracterizada na obra, pela farda verde que envolve o bezerro de ouro.

O laço branco que envolve o pescoço do bezerro, também está presente na 1ª obra “O Passeio do General”, no pássaro que fica indeciso em relação ao seu pouso, percebendo a diferença territorial entre os estados. O presidente da época da



Figura 24: **Nascimento de MS**, 1979 - óleo sobre tela 144x124cm.

divisão, General Geisel, fez um discurso na sessão solene da instalação do novo Estado, que dizia:

Auscultando a opinião, os anseios, o ânimo do povo mato-grossense, convenci-me de que tal solução era consentânea com os interesses de todos e correspondia a vontade popular. Hoje, ao participar desta festa na engalanada capital Mato Grosso do Sul, solidificou-se em esta certeza. E ao felicitar o povo e os poderes públicos do novo Estado, transmito-lhes minhas mensagens de confiança, esperança e otimismo no grande empreendimento que hoje aqui se inicia. (CAMPESTRINI e GUIMARAES, 2002, p. 253)

Vários símbolos, que aparecem nas obras, retratam os acontecimentos, mostrando o antes e o depois da divisão. Ao observá-los e relacioná-los com a história, vão sendo visualizados fatos históricos que favoreceram para a divisão do estado, como a ferrovia, a Companhia de Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, que ao regularizar as viagens ferroviárias, dinamizou a economia sul-mato-grossense, transformando o Sul de Mato Grosso em principal zona arrecadadora do Estado. Esses fatores mostram a ferrovia exercendo uma força contraditória: ao mesmo tempo em que provocou a fragmentação de alguns latifúndios, ela possibilitou a formação de outros, principalmente, nas proximidades das cidades exportadoras de gado ou à margem de seus trilhos, onde criadores de gado instalaram suas fazendas para a engorda.

Muitos fazendeiros fixaram residências em Campo Grande, para melhor dirigir seus negócios e se inteirar, através da ferrovia, dos acontecimentos ocorridos no litoral em São Paulo e no Rio de Janeiro. (informações retiradas de Weingartner, 1995, p.36). Assim, Campo Grande foi se estruturando para se tornar a futura capital.

Houve uma preocupação do governo militar com a reocupação e a abertura de caminhos, no sentido de uma melhor divisão territorial do país. (Fonte 2002). Assim, foi criado um estado na parte sul, que precisou suprir suas necessidades de começar a andar com suas pernas próprias, pois logo ao nascer enfrentou problemas, como aponta CAMPESTRINI e GUIMARÃES:

O primeiro governador, nomeado pelo presidente da república, foi Harry Amorim Costa (1927- 1988), natural de Cruz Alta (RS). Após implantar a estrutura do Estado, tomou posse em 1º de janeiro de 1979 e pouco pôde realizar: no dia 12 de junho seguinte era exonerado pelo presidente da república João Batista de Figueiredo,

vencido por pressões políticas do Estado, principalmente por (Harry) não ser sul-mato-grossense e ter optado por uma administração técnica (com profissionais de outros centros), com o consequente desprestígio da classe política local. (2002, pág.257).

3.2.6 - 6ª obra: Eterna saudade

Este é o sexto quadro da amostra escolhida para este trabalho da série “A Divisão de Mato Grosso”³.

Essa obra nos mostra Brasília, Distrito Federal, onde foi assinada em 11 de outubro de 1977, a divisão de MT e MS, com a posse do 1º governador Harry Amorim Costa. É possível identificar pelo fundo, onde é possível ver as colunas do Palácio da Alvorada, sede do Governo Federal. CAMPESTRINI e GUIMARÃES explicam que:



Figura 25: **Eterna saudade**, 1978 - óleo sobre tela, 130x170cm.

No dia 24 de Agosto de 1977, o então presidente Ernesto Geisel enviava a mensagem n.91m de 1977-CN, com o mesmo projeto de lei complementar de criação do novo Estado. No dia 11 de Outubro de 1977, o mesmo presidente assinava, em solenidade histórica, a Lei Complementar n.31, criando o Estado de Mato Grosso do Sul, com a capital em Campo Grande. (2002, pág.249).

Eterna Saudade (1978) é o nome da obra que, além de trazer Brasília, lugar onde aconteceu o ato da divisão, representa também a alegria da “Liga - sul-mato-grossense” pelo sonho, tão esperado, ser concretizado. Com a posse o governador Harry Amorim em 1º de Janeiro de 1978, a capital passou a ser Campo Grande.

Nesta obra, as cores da bandeira do Brasil também predominam. Outros símbolos, além dos arcos do palácio, podem ser observados.

O pássaro e o poder militar com as pessoas que estava sobrevoando pousa até chegar a Brasília que aparece na obra “Passeio do General”, que neste contexto surgiu em cima de uma pira olímpica, pois significa que acabou o ato, tendo aceso o

³ Informação contida no site: www.humbertoespindola.com.br

seu fogo eterno pondo um fim na divisão mas o começo de duas capitais. De acordo com Menegazzo, a escrita da pira representa os hieróglifos com marcas de ferro usado para marcar o gado que passa a contar a história.

A deusa Pecúnia aparece fechando as cortinas e a cor cinza mostra que a ação da divisão foi equilibrada. A fita branca, que aparece na obra “O Passeio do General”, nesta obra se apresenta com a inscrição Eterna Saudade. O mapa do novo estado surge na esfera da bandeira brasileira, pois aqui já havia nascido.

Assim, esta obra, como a anterior, nos conta a história não do fim de um estado, mas do nascimento de um novo, assim sendo Mato Grosso do Sul, representava o sonho dos povos que habitavam o sul do antigo Mato Grosso.

Aos poucos, foi possível atingir a proposta deste trabalho, que é a de mostrar que a obra de Humberto Espíndola é uma forte marca histórica. E que arte e história se mesclam no trabalho deste artista.

3.2.7 - 7ª obra: O arcebispo

Mais uma vez o boi está presente contando a história, nesta sétima obra, denominada: “O Arcebispo”, datada de 1979, que mostra a vida de Dom Aquino Corrêa (1885/1956), Arcebispo e Governador de Cuiabá, de 1918 a 1922. A obra, portanto, apresenta o início das questões relativas à divisão dos dois estados, demonstrando que Humberto Espíndola busca as questões históricas desde as suas raízes.

É uma tela que apresenta o início dos movimentos separatistas, mas que foi pintada após as anteriores, em 1979.

A religião na obra é enfatizada pelas cores que caracterizam Mato Grosso e por aquelas que retratam o poder da religiosidade presente no período: vermelho e púrpura⁴.



Figura 26: *O Arcebispo*, 1979 - óleo sobre tela. 150x100cm.

⁴ Informações contidas no site: www.humbertoespindola.com.br

Mostra também o papel do governador Dom Aquino Corrêa, de Mato Grosso, nomeado num período difícil da República Velha, marcado por crises financeiras, para agravar a negativa ao processo de divisão e formação de um novo estado que estava gritando para nascer.

Na época, foi feita uma intervenção pelo governo federal para combater as lutas armadas que se intensificavam cada vez mais pelas posses de terras do sul e o comando de todo o estado. Dom Aquino foi nomeado governador num período conturbado de crises financeiras geradas pelas oligarquias e confrontos entre Norte e Sul, mediados pelo governo federal. Segundo WEINGARTNER. 1995, p. 61:

Após alguns meses de intervenção federal, as oligarquias Pedro Celestino Corrêa da Costa e Antonio Azeredo/Matte Laranjeira aliam-se e elegem para a Presidência do Estado o bispo D. Aquino Corrêa. Seu governo caracteriza-se por crises financeiras, resultado de distúrbios armados e da dificuldade do Estado em manter um equilíbrio entre seus gastos e arrecadação.

Humberto Espíndola, ao colocar a figura do arcebispo em sua obra procura retratar todos os vultos que estavam envolvidos no processo de separação dos dois estados, mostrando também a demora do processo, uma vez que Dom Aquino se tornou governador em 1918, e a divisão só ocorreu na década de 70. O quadro analisado tenta chamar a atenção para todo o desenrolar do processo de separação dos dois estados, desde o início do século XX.

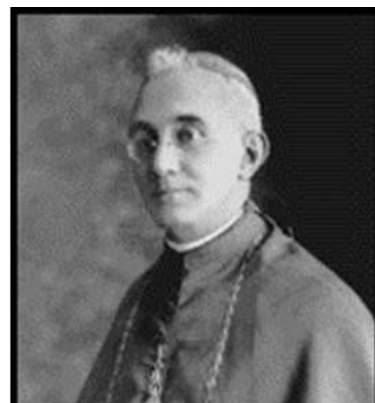


Figura 27: Dom Aquino Corrêa

As lutas e os confrontos armados marcados pelas oligarquias sulistas e nortistas mostram o envolvimento do governo estadual e federal com a Companhia Matte Laranjeira, um processo que gerou a vontade de dividir os estados. As idéias de divisão surgiram por causa dos confrontos armados que muda toda estrutura do Norte e Sul de Mato Grosso.

Os coronéis sulistas aliados ao governo e a Matte Laranjeira ficaram contra as oligarquias do Norte, após saberem que os mesmos tinham interesses iguais pelas posses dos ervais. O contrato de arrendamento dava a Matte privilégios de reger e explorar as terras no Sul de MT. Por causa desse fato, nasceu o

movimento divisionista, pois os coronéis sulistas, antes seus aliados, se voltaram contra esta hegemonia; não só no sul, mas em todo estado. Por isso, cada vez mais, se intensificavam as lutas dos coronéis sulistas em oposição ao norte pela divisão do estado.

Nos ervais, as manifestações divisionistas aparecem no meio das 'revoluções', entre elas, a da República Transatlântica, Muzzi, Mascarenhas e Bento Xavier. Nessas 'revoluções', no início, seus líderes fazem alianças com a Companhia Matte Laranjeira e o governo estadual, elas têm como causa, a disputa política deflagrada com a campanha eleitoral, por isso que as lutas divisionistas confundem-se com as disputas políticas entre as oligarquias que pretendem o poder estadual. Ou seja, os líderes sulinos aliam-se às oligarquias nortistas visando ao atendimento de suas reivindicações, entre elas, a legalização das posses e, na medida em que compreendiam que não era através dessas coligações que iriam conseguir os títulos das terras que ocupavam, rebelaram-se e manifestaram o desejo de dividir o Estado. (WEINGARTNER, 1995, p. 58)

O processo histórico da divisão foi marcado pela presença dos irmãos Murinho que tiveram um papel importante como membro da Cia. Mate Laranjeira, que tinha o interesse na exploração dos ervais, através dos contratos de arrendamento que davam autonomia para os mesmos regerem o estado, pois Manoel Murinho assumiu o estado.

o apoio do coronel João Nepomuceno de Medeiros Mallet aos republicanos particularmente às oligarquias de Generoso Ponce e Murinho, garante aos Murinho a posse do poder político de Mato Grosso. Manoel Murinho assume a presidência do Estado, governando com a maioria na Assembléia e no Rio de Janeiro, sede do governo federal, Joaquim Murinho amplia seu prestígio político ao se fazer Ministro do governo de Prudente de Moraes e depois de Campo Sales. (WEINGARTNER, 1995, p. 43)

Acontecimentos como o desaparecimento dos Ponce e Murinho não impediram a Cia. Matte Laranjeira de reinar no período 1889 a 1930, pois ela acabou propagando o movimento divisionista por causa do papel exercido pelos irmãos Murinho em relação à Matte. Segundo WEINGARTNER:

Transformou-se então, a Empresa Matte, eleitoralmente, em uma força descomunal. Era ouvida e consultada, tanto no Norte como no Sul. Passou a pesar, consideravelmente, nos pleitos eleitorais. Nada se fazia, em época de eleição, sem que a Matte fosse ouvida. O seu aval parecia ser de capital importância para o êxito de qualquer

campanha ou determinadas deliberações governamentais. Ela escolhia e elegia governador, vice, deputado estadual, deputado federal e senador. Removia e demitia funcionários, nomeava autoridades, determinava acertos. (1995, p. 59,60)

Esta sétima obra chama a atenção para as lutas que marcaram o nascimento das ideias de divisão dos dois estados e para o início do processo que deu origem a Mato Grosso do Sul apresentando o papel das oligarquias dominantes, do sul e do norte, divididas pelos mesmos interesses: os ervais.

Pode-se concluir que desde o início da república, nos anos de 1889, as ideias separatistas do sul do estado de Mato Grosso surgiram e foram crescendo, passando pelo governo de Vargas e chegando até o período militar. Só então nasceu Mato Grosso do Sul!

3.3. O que foi visto nas obras analisadas?

Após a análise das sete obras escolhidas como amostra desta pesquisa, percebe-se que por meio delas foi possível conhecer o contexto social, político, econômico, cultural da época na região. É importante destacar que apenas sete telas foram estudadas e, a obra de Humberto Espíndola, como um todo, é extensa, sendo composta por diferentes séries, como: Tribunais, Neloires, Queixadas, Pavilhão, Mitológicos; Rosa-boi, Kadiwéu; Rodeios, entre outras.

Humberto Espíndola é artista e historiador da sua terra. O boi é o protagonista, o centro de seu trabalho provavelmente por considerá-lo uma figura importante, uma vez que foi, e ainda é, a fonte econômica do estado. O artista apresenta outros diversos símbolos que mostram a importância e o significado a sua obra.

Seus traços são marcantes, suas cores são vibrantes, assim como a história dos dois estados. Sua sensibilidade tem o poder de mostrar o contexto através dos pincéis, torna sua obra um acervo a ser estudado e divulgado! A obra de Humberto Espíndola é uma parte importante do patrimônio histórico de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul!

Humberto Espíndola eternaliza pelos seus pincéis, nomes como: Ernesto Geisel, Muzzi, Irmãos Murtinho, Bento Xavier, Cia. Matte Laranjeira, Dom Aquino Correa, entre outros, unindo-os a história dos dois estados! São retratos vivos que podem ser observados até hoje, pelas raízes criadas e fundamentadas. Surgem

quando vamos estudar mais e fundo a obra desse artista, pois a história dos dois estados é rica, profunda e complexa, quanto mais estudar, melhor será a compreensão sobre os traços deixados pelas pessoas que lutaram por seus ideais.

O artista vai relacionando: os fatos da história, construídos pelas pessoas que aqui viveram e lutaram por um ideal, até a sua realização concreta, interligando-os com fatores políticos, econômicos, culturais da região.

De onde viemos? Que somos? Para onde vamos? É a pergunta que direciona o Curso de Artes Visuais das Faculdades Magsul e que Humberto Espíndola ajuda a responder!

Humberto Espíndola não parou, continua contando a história da região e, todos nós, filhos e filhas da terra, temos muito que aprender com ele!

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer desta monografia, foi possível apresentar a biografia de Humberto Espíndola, um artista sul-mato-grossense e sua preocupação com o campo das artes, anterior e posterior a época da divisão do Estado de Mato Grosso, suas obras possibilitam um mergulho sobre a história do estado, como forma de divulgação, atração, sedução através da arte, trazendo fatos da história que são manifestados na obra de forma atrativa motivadora e contextualizada.

Com esta pesquisa responde-se a pergunta norteadora proposta no início deste trabalho, concluindo-se que é possível contar a história de Mato Grosso do Sul pelas obras de Humberto Espíndola. O próprio capítulo II desta monografia, se torna pobre em relação à riqueza contida nas obras apresentadas.

Conforme o que já foi apresentado, Menegazzo destacou em seu discurso que o artista é um narrador privilegiado, pois traduz os fatos seduzindo o leitor/contemplador ao mesmo tempo em que oferece a possibilidade de dialogar com seu objeto, e isto foi feito ao longo deste trabalho.

Humberto Espíndola, magnificamente, soube extrair o melhor da história regional e retratá-la em suas obras. Conseguiu, de fato, seduzir o leitor/contemplador, aquele que observa com cuidado seus trabalhos imagéticos, convidando-os a contemplar os elementos simbólicos como: as cores, os traços, os desenhos, despertando um olhar que vai além do aparentemente expresso. O começo deste trabalho de pesquisa levou ao questionamento: por que esses elementos? E essa busca, instigou e direcionou o caminho pelo conhecimento!

Humberto não mostra só sua obra, mas o estado de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, isso demonstra sua preocupação em divulgar um cenário pouco conhecido por fazer parte do interior do país. Através da divulgação dos seus trabalhos ocorridos no passado por exposições a nível nacional e internacional, deu ênfase de reconhecimento e autoafirmação, como de outros artistas do interior, no campo das artes.

Foi possível perceber, o quanto de história e de arte, há, existe nas obras desse artista e, que se fizeram presentes no dia a dia dos sul-mato-grossenses, frutos de uma arte nascida no interior do país que deslumbra e fixa as raízes

culturais do seu povo.

Portanto, seria importante que os educadores despertassem esse olhar contemplador em seus alunos, para que compreendessem a importância das obras de arte como um marco cultural que conta a história do povo!

Humberto Espíndola e a animadora e crítica de arte Aline Figueiredo tornaram-se embaixadores, pioneiros como outros artistas que preparam o terreno para arte ser divulgada, apreciada e estudada nos nossos dias.

A arte, compreendida da forma como foi expressa neste trabalho, abre campos inimagináveis na história, que talvez ainda não tenham sido buscados pelos educadores. Arte e história se encontram e se mesclam, podendo-se ter a compreensão do papel de ambas, verificando-se que uma não fica sem a outra.

Os estudantes precisam compreender que a obra de arte deve ser contemplada e contextualizada, descobrindo-se o que tem para contar, através de um olhar que vê suas entrelinhas, ir além do óbvio, das aparências. Descobrir a essência! tornando-se um espectador mais crítico, muitas vezes questionador, que quer saber sobre seu contexto, ou seja, aquilo que pode descobrir graças ao universo que circunda a obra. Assim, é possível despertar a vontade de conhecer mais e melhor, abrindo novos rumos para o conhecimento.

A imaginação é importante por nos permitir conceber toda espécie de possibilidades em relação ao futuro e compreender o passado de modo a manter-se vivo o valor no presente (JANSON, 1996).

Ao concluir este trabalho, deixa-se uma mensagem aos professores do campo da arte e da história, que procurem despertar no aluno o interesse pelas suas aulas, demonstrando a beleza do conhecimento a ser obtido. Para tanto, precisam buscar estratégias inovadoras e, uma delas, é levar obras de arte que contam a história. Com certeza será uma forma atrativa e diferente, que pode despertar o gosto por ambas as disciplinas, trabalhadas de forma interdisciplinar, dando asas à imaginação!

REFERÊNCIAS

CURY, Augusto. ***Nunca Desista dos seus Sonhos***. Rio de Janeiro, Sextante, 2004.

CAMPESTRINI, Hildebrando. GUIMARÃES, Acyr Vaz. ***História de Mato Grosso do Sul***. 5.ed. Campo Grande/MS: Gibim Gráfica Editora Papelaria, 2002.

GRESSLER, Lori Alice. VASCONCELOS, Luiza Mello. ***Mato Grosso do Sul/ Aspectos Históricos e Geográficos***. 1.ed. Dourados/MS, L. Gressler, 2005.

WEINGARTNER, Alisolete Antônia dos Santos. ***Movimento Divisionista: No Mato Grosso do Sul***. Porto Alegre/RS, Edições EST, 1995.

JOSGRILBERT, Maria de Fátima Viegas. ***O sentido do projeto em educação: uma abordagem interdisciplinar***. Tese de doutoramento. PUC/SP, 204.

RODRIGUES, Yara Negreiros Duncan. MENEGAZZO, Maria Adélia. ROSA, Maria Glória Sá. ***Memória da Arte em Mato Grosso do Sul: Histórias de Vida***. Campo Grande/MS: UFMS/CECITEC, 1992.

JANSON, H. W. ***Iniciação a história da arte. Colaboração de Anthony E Janson***. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.